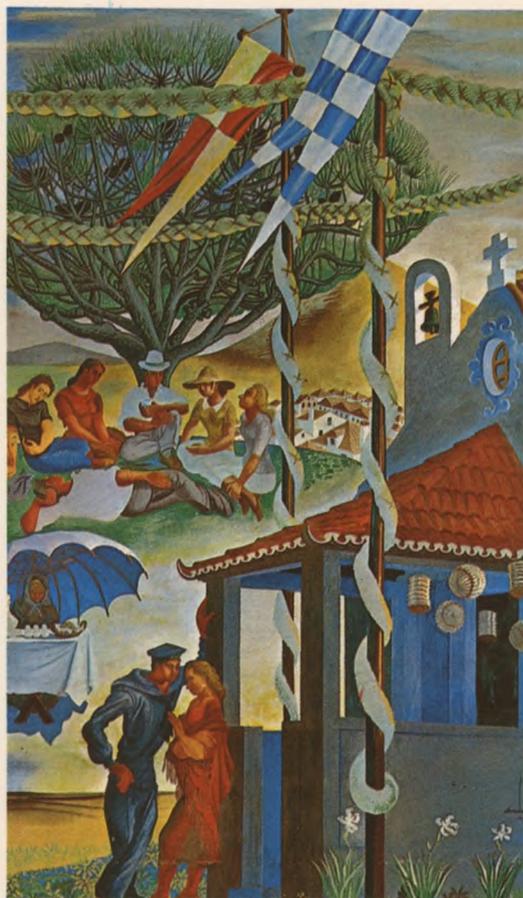


# O SAGRADO E O PROFANO

\*\*

HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1987

## HOMENAGEM AO PROF. SILVA DIAS \*

José Sebastião da Silva Dias entrou hoje nesta sala pela mão amiga dos seus antigos colegas, discípulos e orientandos e pela de seus admiradores, não para receber louros de triunfos alcançados nem para ouvir elogios de feitos nobres realizados.

Outro é o escopo: estreitar laços de amizade, alguns já velhos, e comungar durante alguns momentos da força espiritual que a cultura transmite, a cultura que, como um dia afirmou em acto solene, na Sala dos Capelos, é «valor e agonia de valores, relação do homem consigo, com o Mundo e com a História».

Também este acontecimento que ora se vive aqui, a exposição bibliográfica na Sala Gama Barros e o número da *Revista de História das Ideias* consagrado ao tema «O Sagrado e o Profano» — tudo isso que constitui afinal senão um acto cultural de profundo significado em que nos reencontramos e melhor aprendemos a conhecer a vida e a razão de ser do nosso devir?

Passados 75 anos de funcionamento, a Faculdade que é cenário do evento em que participamos, a Faculdade, dizia, como que faz uma pausa e interroga-se donde veio e para onde vai. A mesma questão que há três quartos de século colocava o seu primeiro director, Prof. António de Vasconcelos, e que ainda hoje, amanhã e sempre é colocada no espírito de todos quantos por aqui passam.

\* As palavras que se seguem foram proferidas pelo Director do Instituto de História e Teoria das Ideias na sessão de homenagem ao Professor J. S. da Silva Dias, realizada em 6 de Novembro de 1986, altura em que foi publicado o primeiro tomo de «O Sagrado e o Profano».

Em discurso de circunstância especial perorava o venerando Mestre acerca dos fins de uma Faculdade de Letras, desta Faculdade de Letras, inserida numa Universidade surgida há 7 séculos. E sintetiza assim: deve cultivar a ciência e transmiti-la. A cátedra e os anfiteatros por um lado; as salas de trabalho e os seminários por outro — eis o terreno em que labutam o Mestre e os discípulos em regime de cooperação e reciprocidade de esforços. A reciprocidade de pessoas deve estar sempre presente. O «Eu» e o «Tu», a alteridade contínua, mesmo nas horas difíceis e de dúvida. Martin Buber no seu livro *Eu e Tu* exprimiu bastante lucidamente a importância desta filosofia da alteridade.

Ser para os outros, dar para fecundar, existir para dar existência, lançar alicerces para edificar. Viver para a cátedra e para a investigação e orientação dos outros — este era o lema da Escola e sempre há-de continuar a ser. Permanentemente se busca a verdade e a sabedoria que é mais preciosa que o ouro mais puro. Os períodos de ruína e decadência são aqueles em que isso se não verifica.

Os terrenos em que se espalha a semente tanto podem ser o Instituto de História e Teoria das Ideias, a *Revista de História das Ideias* e o Centro de História da Sociedade e da Cultura ou quaisquer outros; tanto pode ser em Coimbra como fora de Coimbra.

Naqueles germinou o grão de forma evidente. As árvores cresceram pujantes, e os frutos apareceram assim com toda a naturalidade. Por vezes tratou-se de uma sementeira regada com lágrimas mas a colheita é feita com alegria e o panorama apresenta-se agradável aos olhos. Mas para tal, necessário se tornou levar avante uma luta sobrehumana, necessário se impôs um desinteresse revelado de múltiplas e variadas formas, sempre com uma dedicação total e um empenhamento exaustivo e de gigante que noutros encontrou receptividade, compreensão e preciosa colaboração.

Por isso aqui estamos. O balanço revela-se deveras compensador e, como disse Virgílio, felizes os agricultores que têm consciência da sua colheita.

*Virtus et Fama* no bom sentido humanístico. A força criadora e os resultados obtidos, o poder ser e o ser. Lorenzo Valla, ao tentar definir o livre arbítrio, escreve: «nunca me cansarei de investigar, nem poderei desesperar, embora saiba que muitos ficaram pelo caminho frustrados e desorientados». E, mais adiante, diz o autor dos *Elegantiarum Libri*: «Se nos molestássemos com o que desconhecemos, tornaríamos a vida dura e impossível. Queres que te diga quantas e quais as coisas,

não só divinas mas também sobrenaturais e humanas, que nos são desconhecidas? Direi muito brevemente que muitas são as razões que ignoramos».

A esse texto estimulante responderemos nós: importa, pois, ir constantemente ao encontro do que se não conhece ainda, sem desfalecimento ou desânimos, mesmo que necessário se torne remar contra ventos e marés.

«A cultura é conhecimento e erudição; é saber classificado, acumulado e arquivado; mas é sobretudo valor e agonia de valores, relação do homem consigo, com o Mundo e com a História». E nessa altura, em 1961, há 25 anos, por ocasião do seu doutoramento, comparava o Mestre a cultura à vara com que o Moisés da inteligência faz jorrar da pedra bruta do espaço e do tempo a dimensão axiológica da vida e do universo.

Erasmus na sua *Ratio seu Compendium Verae Theologiae*, logo no prefácio confessa que tem consciência do arrojado da empresa que pretende realizar. É que poderia alguém objectar que ele procurava mostrar um caminho que nunca percorreu ou percorreu sem êxito. Teve consciência dessa possível objecção. Teve consciência da ambivalência do seu trabalho e dos reflexos que ele certamente teria na opinião pública.

Mas que havia que o impedisse de imitar aqueles marinheiros que, tendo naufragado o barco em que seguiam, ao menos do alto da rocha em que se tinham abrigado, indicavam aos outros marinheiros que passavam que havia perigos na zona, espreitando os desprevenidos? Que havia que o impedisse de imitar aquelas estátuas de Hermes com várias cabeças que, colocadas ao longo das vias, apontam aos transeuntes um caminho que elas nunca percorreram? («aut certe Mercuriales illas statuas πολυκέφαλους quae quondam in com-pitis poni solitae suo nonnunquam indicio viatorem eo pro-vehunt, quo nunquam ipsae sint perventurae?»).

E cita Horácio na sua *Ars Poetica* (304-305): «fungi vice cotis, acutum reddere quae ferrum valet, exors ipsa secandi» («ser pedra de afiar que pode afiar bem o ferro e contudo não ser capaz de cortar»).

O verdadeiro homem de cultura possui sem dúvida esses mesmos sentimentos que logo vemos expressos na portada do seu vasto edifício de sabedoria com estas palavras sublimes: ao menos servirei de marco de referência para todos aqueles que se lançam na aventura maravilhosa do estudo e da pesquisa, e saberei tomar-me como que a forja onde

são temperadas, para depois serem moldadas, valiosas peças de arte.

Nessa dura viagem, que igualmente deleita os companheiros da aventura com manjares deliciosos, todos afinal podem ser pontos de referência e marcos orientadores para que nenhum se perca.

Mas certamente que as dúvidas ou interrogações que o Rotterdamês levantava espelhavam tão somente a sua humildade; o juízo imparcial dos críticos não deixava de entrever nos seus trabalhos mérito sobremaneira relevante e densidade científica e cultural de carácter imperecível, indelével.

Sim, e voltando de novo a 1961, reconhecemos que as notas de liberdade e de humanidade emprestam à cultura um significado essencial. «Sem a vitória sobre os determinismos que vêm da ignorância ou da rudeza das coisas a cultura não tem razão de ser. Ela, a cultura, faz com que o indivíduo reforce a sua dignidade de microcosmos, isto é, de consciência, de inteligência, de fonte de valor e de sentido, da natureza e da história».

Só assim, servindo-nos ainda de palavras do autor das *Hy peraspites*, cada um de nós poderá dizer que nunca deixou de ser aquilo que é, igual a si mesmo, e que não concede a ninguém o direito de duvidar da boa intenção de acertar.

Há por vezes tentações fortes de solidão ou de desânimo e silêncio. Mas essas tentações nunca terão força capaz para nos isolar ou nos calar a voz quando nos batem à porta recordações tão gratas e tão estimulantes como aquelas que proporcionaram esta hora.

A caminhada continua. O percurso a fazer ainda é longo. Há terrenos a desbravar. Há coisas que ainda se não conhecem. Há realidades que se ignoram por enquanto. Mas, voltando a Valia, não podemos tornar a vida dura e insuportável quando sabemos que a verdade exige uma busca incansável, feita em comunhão de esforços e com uma serenidade constante. Hoje escreveu-se apenas mais uma página de um dos capítulos do livro da vida de cada um de nós. Mas o livro é volumoso e os capítulos numerosos. Importa escrevê-los sem desfalecimentos. Importa manter lúcida a reflexão e objectivo o juízo que se emite.

Se a sementeira foi grande e os terrenos fecundados vastos e dispersos, outra coisa não é de inculcar-se nesta circunstância de comunhão, de alegria e de júbilo, que não seja a esperança perseverante e a fé inquebrantável no futuro e na boa vontade dos companheiros.

O ornamento de virtudes humanas, de qualidade invulgares e de talento prestigiante que cobrem o Mestre constitui brilho de fama justamente adquirida, que irradia, não um pouco, mas muito por toda a parte. É a bússola orientadora que conduz os *viatores*, esses caminhantes que se movem num espaço imenso, que tanto terá de sagrado como de profano, porque o Homem e o Universo interpenetram-se e entrelaçam-se num todo único.

A história da cultura é a história do homem nas suas diversas perspectivas de ser dialogante e interrogante. Com o seu apofundamento cimentar-se-ão a ciência e o saber, a erudição e o conhecimento. E nós tornar-nos-emos mais ricos e generosos e mais conscientes do que valem, porque afinal trata-se de *Fama ex Virtute*, de Mérito proveniente dum trabalho sólidamente realizado, baseado no engenho e na capacidade criativa e renovadora.

Hoje estreitam-se as amizades e fortificam-se os corações; robustece-se a esperança e dinamiza-se a fé.

Valeu a pena. Orgulhamo-nos de comungar desta hora.

Obrigado, Senhor Professor.

*Manuel Augusto Rodrigues*